

As exportações do Rio Grande do Sul por porte de empresa*

Teresinha da Silva Bello**

Economista da FEE

Sônia Unikowsky Teruchkin***

Economista da FEE

Introdução

Até meados de 2002, após mais de três anos da mudança no regime cambial brasileiro, o desempenho das exportações do País ainda se mostrava fraco, o mesmo ocorrendo no Rio Grande do Sul. Foi a partir de junho de 2002 que as exportações entraram em um processo de crescimento mais acelerado. Tal fenômeno foi atribuído a uma conjunção afortunada, principalmente de fatores externos, com destaque para o crescimento da demanda mundial, aliado à recuperação dos preços das *commodities*. Internamente, após um período de elevação da taxa de câmbio real, que se estendeu praticamente do segundo semestre de 2002 até o primeiro trimestre de 2003, devido à eleição presidencial, o quadro mudou, e o real passou a valorizar-se frente ao dólar, processo que se intensificou a partir de meados de 2004.

Assim, o ano de 2004 pode ser considerado como o marco inicial do período de valorização do real, fenômeno que vem sendo observado até os dias atuais, e cujos efeitos, naturalmente, foram sentidos pelas empresas exportadoras, em especial no que se refere às suas composições de custo e ao nível das receitas em reais. Isto porque empresas com baixa ou mesmo nenhuma utilização de insumos e de matérias-primas importados não podem compensar sua perda de rentabilidade via redução no custo desses fatores de produção, cujo pagamento é feito em real. O mesmo ocorre com aquelas empresas com maior uso do fator mão-de-obra, cuja remuneração é feita em moeda nacional, enquanto as receitas são auferidas em dólares. Desse modo, empresas que usam intensamente maté-

rias-primas nacionais e mão-de-obra acabam perdendo competitividade junto aos mercados externos.

No caso do RS, cuja pauta exportadora é baseada no agronegócio, com produtos mais intensivos em recursos naturais e mão-de-obra e com pouca utilização de matérias-primas importadas, os reflexos da valorização cambial têm sido mais intensos do que para o País, tanto no que se refere ao número de empresas atuando no mercado externo quanto às suas receitas de vendas ao exterior.

Este artigo propõe-se a dar uma visão geral das exportações gaúchas sob o enfoque do tamanho das empresas exportadoras no período 2002-06, enfatizando o desempenho das empresas de menor porte. Embora a representatividade destas últimas no valor exportado seja pequena, há um forte predomínio das mesmas, quando se trata do número de empresas exportadoras. Além de contribuir para o aumento da base exportadora, sua participação no comércio exterior é importante para o País.

No texto, são analisadas as alterações no número de empresas exportadoras; os valores exportados, incluindo as exportações médias de cada grupo, as vendas externas das empresas gaúchas em relação às de outras unidades da Federação, as empresas exportadoras por classes de produto, os principais produtos exportados e o destino das exportações por porte de empresa.

Após as **Considerações finais**, apresenta-se, no **Apêndice**, a **Nota metodológica** sobre os critérios de classificação das empresas em relação ao porte. Isto porque os principais dados estatísticos utilizados neste trabalho foram os da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIDC) (Brasil, 2008a; 2008b; 2008c; 2008d). Entretanto os estudos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (2005; 2007) fazem algumas análises bastante detalhadas, com ênfase nas pequenas e médias empresas (PMEs), as quais são também utilizadas no texto. Como as classificações são diferentes, existem algumas diversidades

* Artigo recebido em 18 abr. 2008

** E-mail: Tbello@fee.tche.br

*** E-mail: sonia@fee.tche.br

As autoras agradecem aos colegas Beky Macadar e Álvaro García a leitura preliminar e as sugestões apresentadas, eximindo-os de qualquer erro que tenha permanecido.

nos dados. Tendo em vista que as análises do Sebrae qualificam melhor o universo de empresas analisadas, optou-se pela utilização de seus dados de forma complementar, salientando-se, sempre, a fonte dos dados.

As exportações por número de empresas

Considerando-se o período 2002-06, segundo o MDIC (Brasil, 2008a; 2008b; 2008c; 2008d), observou-se que o ano de 2003 apresentou o maior número de empresas exportadoras no Rio Grande do Sul, com 2.995 unidades (Tabela 1), o que representou um acréscimo de 13,49% sobre o total das mesmas em 2002. Apenas as microempresas, em 2003, não apresentaram um bom crescimento no número de exportadoras, tendo ocorrido um incremento de apenas 1,8%. Só no ano seguinte, com certo atraso, quando o processo de valorização do real já estava em aceleração, é que as microempresas gaúchas atingiram o maior percentual de aumento de suas empresas exportadoras, no período em análise (9,3%). Já as grandes empresas, geralmente bem preparadas para responder mais rapidamente a mudanças de cenário, tiveram, em 2003, um acréscimo de 28% no número de exportadoras, em relação a 2002. Aqui cabe lembrar que o auge da desvalorização do real, nesses cinco anos analisados, ocorreu no final de 2002, à época da eleição presidencial.

De acordo com o Sebrae (CNI, 2006), em 2003, 6,3% das micro e pequenas empresas (MPEs) atuando no RS tiveram um percentual das exportações no faturamento bruto do estabelecimento superior a 50%, sendo que 89,6% dela nada exportaram. Já no Brasil, foi registrados um percentual de apenas 1,7% de suas micro e pequenas empresas com exportação superior a 50%, enquanto as que não exportaram representaram 82,6% do universo das MPEs brasileiras. Dentre os principais estados exportadores do País, o RS é o que apresentou o maior percentual de MPEs com exportações acima de 50% do faturamento, o que reforça a importância do setor externo para as mesmas, haja vista que, em São Paulo, apenas 0,9% dessas empresas exportaram acima de 50% do faturamento.

Pesquisa realizada pelo Sebrae (2007) mostrou que as MPEs gaúchas apresentaram-se mais vulneráveis à valorização do real, devido ao seu perfil de exportação, isto é, os produtos que exportavam utilizavam menos matérias-primas importadas e eram mais intensivos no uso da mão-de-obra. Mesmo assim, as MPEs gaúchas

continuaram mais a entrar no mercado externo do que a sair até 2005.

Enquanto o maior número de microempresas exportadoras foi registrado em 2004, em 2005 foi a vez de as pequenas empresas atingirem o máximo de unidades a vender para o exterior, conforme pode ser visto na Tabela 1. No Brasil, também houve uma decisão estratégica dessas empresas, a de continuarem no mercado a despeito das dificuldades encontradas no câmbio, compensadas, em parte, pelo incremento na demanda externa, capaz de absorver elevações nos preços. Além de esses aumentos decorrerem do próprio aquecimento da economia internacional, algumas empresas, exportadoras de manufaturados, valeram-se da estratégia de elevar os preços no mercado externo para contrabalançar, pelo menos parcialmente, a perda de rentabilidade decorrente da valorização cambial. Entretanto essa política de compensar câmbio valorizado com alta de preços tem limites, já que os clientes podem se abastecer em outros mercados, especialmente se forem produtos tradicionais, pouco dinâmicos e com baixa tecnologia, como costumam ser os da pauta exportadora gaúcha.

Em 2006, em todas as faixas de empresas de menor porte, observou-se um recuo no número de exportadoras. Tanto no RS quanto no Brasil, as micro, as pequenas e as médias empresas apresentaram variação negativa no número de firmas que venderam para o exterior em relação a 2005, o que também ocorreu no número total de empresas. Estudos já revelaram que essa saída das pequenas e médias empresas do mercado externo só não tem sido maior devido ao fenômeno que se convencionou chamar de “histerese de exportação”, em que, uma vez introduzida no mercado exportador, a firma opta por lá permanecer, mesmo em situação desfavorável, em razão dos custos de entrada e saída.¹ Assim, elevou-se apenas o número de grandes empresas brasileiras e gaúchas a atuarem no comércio exterior, sendo que, no Brasil, inclusive, o número absoluto de empresas exportadoras de grande porte alcançou, em 2006, o maior valor do período 2002-06, com 4.780 empresas neste último ano (Tabela 1).

¹ “[...] mudanças de política de caráter temporário podem levar a mudanças permanentes no número de exportadores e na oferta exportável. O fenômeno, conhecido na literatura como ‘histerese de exportação’, é uma decorrência dos elevados custos iniciais da atividade exportadora. Com efeito, as firmas só se tornam exportadoras quando os lucros esperados das vendas externas são elevados o suficiente para cobrir esses custos. Em consequência, aumentos transitórios da rentabilidade exportadora podem constituir estímulo suficiente para direcionar as empresas ao mercado externo e ter efeitos duradouros.” (Markwald; Ribeiro, 2005, p. 9).

Tabela 1
Número de empresas exportadoras no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2002-06

a) Rio Grande do Sul										
DISCRIMINAÇÃO	2002		2003		2004		2005		2006	
	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %
Microempresas.....	742	28,1	755	25,2	825	28,6	777	26,4	746	26,5
Pequenas empresas	663	25,1	766	25,6	784	27,2	819	27,8	749	26,6
Médias empresas	727	27,5	833	27,8	707	24,5	765	26,0	755	26,8
Grandes empresas.....	479	18,2	613	20,5	511	17,7	533	18,1	535	19,0
Pessoas físicas	28	1,1	28	0,9	55	1,9	47	1,6	32	1,1
TOTAL	2 639	100,0	2 995	100,0	2 882	100,0	2 941	100,0	2 817	100,0

b) Brasil										
DISCRIMINAÇÃO	2002		2003		2004		2005		2006	
	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %	Unidades	Participação %
Microempresas	4 301	22,2	4 578	23,1	4 957	23,7	5 906	24,9	5 769	25,0
Pequenas empresas	4 836	25,0	4 901	24,8	5 833	27,9	6 312	26,6	6 023	26,1
Médias empresas	5 695	29,5	5 649	28,5	5 254	25,1	5 986	25,2	5 908	25,6
Grandes empresas	4 141	21,4	4 208	21,3	4 213	20,2	4 758	20,1	4 780	20,7
Pessoas físicas	368	1,9	460	2,3	645	3,1	764	3,2	633	2,7
TOTAL	19 341	100,0	19 796	100,0	20 902	100,0	23 726	100,0	23 113	100,0

FONTE: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Exportação brasileira por porte de empresa, distribuição por município, 2006-2005; 2005-2004; 2004-2003; 2003-2002**. Disponível em: <http://desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1202487807.xls>. Acesso em: 12 mar. 2008.

As exportações por valores exportados pelas empresas

Embora, tanto no Estado quanto no País, as micro e pequenas empresas juntas representem mais de 50% do número de empresas exportadoras, quando se trata de valores exportados, em nível seja estadual, seja nacional, a soma dessas duas categorias jamais atingiu 3% do total ao longo dos cinco anos analisados, ao contrário de alguns países, onde, segundo Ruiz e Hourneaux Jr. (2006), essa contribuição ultrapassa os 40%.

Ainda em relação ao valor exportado nesses cinco anos em análise, observou-se que, tanto no RS quanto no Brasil, no ano de 2004, foi registrada a maior participação das empresas de menor porte, e, a partir daí, aumentou a concentração das vendas externas em grandes empresas, cuja representatividade no total das exportações gaúchas e brasileiras vem sendo crescente (Tabela 2). Isso pode ser explicado pela sua maior capacidade para enfrentar as dificuldades cambiais

internas e pela maior demanda internacional, com conseqüente aumento no preço das *commodities*, no mundo, já que esse grupo de produtos, em geral, é exportado por empresas de grande porte, muitas delas multinacionais. Por outro lado, as pequenas empresas, geralmente, exportam produtos industrializados de baixa tecnologia,² cujos preços externos, nos últimos anos, permaneceram praticamente estáveis e/ou vêm sofrendo concorrência dos manufaturados de outros países emergentes, especialmente da China.

Mesmo perdendo participação na pauta exportadora do Estado, as MPes gaúchas, em relação às MPes do

² Um estudo sobre as micro e pequenas empresas brasileiras mostra que, em 2002, as suas exportações ficaram assim distribuídas: **não industrializadas** com 28,9% e **industrializadas** com 71,1%, sendo 42,3% com baixa tecnologia, 14,6% com média-baixa, 12,5% com média-alta e 1,7% com alta. Já as exportações das médias e grandes estava assim distribuídas: **não industrializadas** com 20,6% e **industrializadas** com 79,4%, sendo 37,3% com baixa tecnologia, 15,8% com média-baixa, 16,2% com média-alta e 10,1% com alta (Markwald; Pessoa, 2003).

País, ainda representam uma fatia maior do valor total exportado. Dados do MDIC constantes na Tabela 2 permitiram calcular que, em 2002, as micro e pequenas empresas do RS representaram 0,4% e 2,1%, respectivamente, das exportações do Estado, enquanto as micro e pequenas do País tiveram uma parcela de 0,3% e 1,9% nas vendas externas brasileiras. Em 2004, ano em que, tanto no RS quanto no Brasil, esses dois grupos atingiram sua maior representatividade, a contribuição das MPEs no total do Estado foi de, nesta ordem, 0,5% e 2,4%, ao passo que, em nível nacional, esses percentuais foram de 0,3% e 2,3%. Todavia, em 2006, as participações desses grupos de empresas já foram as menores dentro do período analisado: no RS, caíram para 0,4% e 2,0%, enquanto, no Brasil, recuaram para 0,2% e 1,5% respectivamente.

No que se refere ao valor médio exportado pelas empresas gaúchas e brasileiras, pode-se constatar, através da Tabela 3, que, de acordo com o MDIC (Brasil, 2008a; 2008b; 2008c; 2008d), desde 2002, essa cifra tem sido crescente para as grandes empresas do RS e do Brasil, atingindo seu maior valor em 2006. As microempresas, por seu turno, tiveram seu apogeu em 2004, tanto em nível estadual quanto no federal. Entretanto, até esse ano, a receita média com exportações das microempresas brasileiras era superior à das microempresas gaúchas. A partir daí, porém, a situação inverteu-se, com as microempresas do Estado apresentando um valor médio maior do que as do País. Esse fenômeno, contudo, só foi registrado para essa categoria. Para as demais, ao longo de todo o período analisado, o valor médio das vendas externas das empresas brasileiras ultrapassa o das do RS. Em 2002, o valor médio exportado por uma microempresa gaúcha correspondia a 84% do valor médio de uma nacional, e, em 2006, essa relação passou para 113%. Ou seja, o porte exportador unitário médio das microempresas gaúchas foi maior do que o das brasileiras. Em relação às pequenas empresas, embora o valor unitário médio seja menor no RS, essa diferença diminuiu. Se, em 2002, o valor médio exportado por uma pequena empresa do RS era de 79% daquele de uma pequena empresa brasileira; em 2006, essa relação passou para 86%, aproximando mais os valores registrados pelos gaúchos daqueles registrados no País.

Por sua vez, o valor médio exportado pelas médias e grandes empresas do País cresceu mais que o das congêneres do Estado, aumentando a diferença entre as gaúchas e as brasileiras. Se, em 2002, a exportação média de uma grande empresa do RS representava 86% da de uma brasileira, em 2006, essa relação passou para

70%, o mesmo ocorreu com as médias empresas, cuja relação caiu de 96% para 85% no mesmo período. Assim, pode-se ver que o porte exportador das grandes empresas gaúchas, em relação ao porte das brasileiras, diminuiu. Vale salientar, todavia, que a forte seca de 2005 no Estado afetou suas exportações de *commodities* agrícolas, exportadas principalmente pelas grandes empresas, e que os efeitos da estiagem ainda se refletiram em 2006. Nesse ano, também, a Universal Leaf Tabacos passou a exportar parte da produção de fumo através de Santa Catarina, diminuindo suas vendas externas via Rio Grande do Sul.

Dados do MDIC (Brasil, 2008a; 2008b; 2008c; 2008d), listando anualmente os 21 municípios brasileiros mais importantes por valor exportado, mostram que as cidades gaúchas que mais têm se destacado em relação às microempresas, por ordem de importância, são Novo Hamburgo, Porto Alegre, Caxias do Sul e Soledade. Em relação às pequenas empresas, salientam-se Novo Hamburgo, Caxias do Sul e Soledade. Já nas médias empresas, os municípios mais importantes são Caxias do Sul e Novo Hamburgo. No que se refere às grandes, o último ano em que uma cidade gaúcha fez parte da lista foi 2004, quando Rio Grande apareceu em 20º lugar. Desde então, nenhum município do RS aparece na lista das 21 cidades brasileiras que se destacaram por suas grandes empresas exportadoras.

Tabela 2

Exportações, por porte das empresas, do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2002-06

a) Rio Grande do Sul										
DISCRIMINAÇÃO	2002		2003		2004		2005		2006	
	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %
Microempresas.....	24	0,4	31	0,4	47	0,5	37	0,4	40	0,4
Pequenas empresas	126	2,1	167	2,1	229	2,4	219	2,1	227	2,0
Médias empresas	570	9,3	734	9,2	1 048	10,8	920	8,9	1 008	9,0
Grandes empresas.....	5 407	88,2	7 082	88,4	8 357	86,3	9 165	88,6	9 920	88,6
Pessoas físicas	0	0,0	0	0,0	1	0,0	3	0,0	1	0,0
TOTAL	6 127	100,0	8 013	100,0	9 683	100,0	10 345	100,0	11 196	100,0

b) Brasil										
DISCRIMINAÇÃO	2002		2003		2004		2005		2006	
	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %	Valor (US\$ milhões)	Partici- pação %
Microempresas	168	0,3	220	0,3	302	0,3	284	0,2	272	0,2
Pequenas empresas	1 166	1,9	1 516	2,1	2 253	2,3	2 038	1,7	2 115	1,5
Médias empresas	4 655	7,7	5 844	8,0	7 810	8,1	8 125	6,9	9 254	6,7
Grandes empresas	54 314	90,0	65 401	89,5	85 880	89,0	107 865	91,0	125 963	91,4
Pessoas físicas	59	0,1	103	0,1	230	0,2	218	0,2	203	0,1
TOTAL	60 362	100,0	73 084	100,0	96 475	100,0	118 529	100,0	137 807	100,0

FONTE: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Exportação brasileira por porte de empresa, distribuição por unidades de federação município, 2006-2005; 2005-2004; 2004-2003; 2003-2002.** Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1202487807.xls>. Acesso em: 12 mar. 2008.

Tabela 3

Valor médio das exportações, por porte da empresa, do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2002-06

a) Rio Grande do Sul					
(US\$ 1 000 FOB)					
DISCRIMINAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006
Microempresas.....	33	41	57	48	53
Pequenas empresas.....	190	218	292	268	303
Médias empresas.....	783	881	1 483	1 203	1 336
Grandes empresas.....	11 288	11 552	16 353	17 195	18 543
Pessoas físicas.....	17	11	25	66	23
TOTAL.....	2 322	2 676	3 360	3 518	3 974

b) Brasil					
(US\$ 1 000 FOB)					
DISCRIMINAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006
Microempresas.....	39	48	61	48	47
Pequenas empresas.....	241	309	386	323	351
Médias empresas.....	817	1 035	1 486	1 357	1 566
Grandes empresas.....	13 116	15 542	20 385	22 670	26 352
Pessoas físicas.....	160	224	357	285	320
TOTAL.....	3 121	3 692	4 616	4 996	5 962

FONTE: MDIC.

As exportações das empresas gaúchas em relação às de outros estados

O maior número de empresas exportadoras do País concentra-se nas Regiões Sudeste e Sul, e, tanto no total dessas empresas quanto em todas as categorias, São Paulo é, de longe, o estado brasileiro que apresenta a maior representatividade, sempre seguido pelo Rio Grande do Sul, conforme pode ser visto na Tabela 4. Entretanto, ao contrário de São Paulo, que, de acordo com o MDIC, após uma queda na participação do número total de empresas ocorrida até 2005, viu esse percentual se elevar em 2006, o RS, nesse ano, apresentou sua menor participação no total de empresas exportadoras

brasileiras (12,2%), depois de oscilar em torno dos 13,5% entre 2002 e 2005. A maior perda de representatividade do Estado ocorreu na categoria micro e pequenas empresas, afetada pela valorização cambial, visto que seus principais produtos de exportação, de acordo com o Sebrae (2007), são móveis, calçados e couros e peles depilados. Já em São Paulo, os produtos mais exportados por suas MPEs são calçados, partes e peças para veículos automóveis e tratores e vestuário para mulheres e meninas.

O terceiro estado em número de empresas exportadoras é o Paraná, e seu comportamento tem sido mais parecido com o do RS do que com o de SP. Suas MPEs exportam principalmente madeira serrada, madeira compensada e móveis (SEBRAE, 2007). Em 2006, todas as categorias de suas empresas perderam participação.

Tabela 4

Distribuição geográfica das empresas exportadoras brasileiras, por porte de empresas, nas unidades da Federação — 2002-2006

a) total de empresas					
	(%)				
DISCRIMINAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006
Total do Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	41,6	41,3	39,8	39,8	42,4
Rio Grande do Sul	13,5	13,3	13,8	13,5	12,2
Paraná	8,8	9,0	9,1	9,2	8,5
Minas Gerais	6,5	6,8	7,1	7,2	7,6
Santa Catarina.....	7,5	7,6	7,7	7,6	8,9
Demais estados	22,1	22,0	22,5	22,7	20,4

b) micro e pequenas empresas					
	(%)				
DISCRIMINAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006
Total do Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	39,5	38,8	38,5	38,7	43,8
Rio Grande do Sul	15,4	14,6	14,9	15,1	12,7
Paraná	9,2	9,2	9,3	9,5	8,4
Minas Gerais	6,7	7,0	7,3	7,3	7,8
Santa Catarina	8,0	8,2	8,4	7,7	6,4
Demais estados	21,2	22,2	28,9	21,7	20,9

Tabela 4

Distribuição geográfica das empresas exportadoras brasileiras, por porte de empresas, nas unidades da Federação — 2002-2006					
c) médias empresas					
	(%)				
DISCRIMINAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006
Total do Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	46,8	45,5	44,2	43,2	44,0
Rio Grande do Sul	12,8	12,7	13,5	13,3	12,8
Paraná	8,7	8,8	8,5	9,1	9,0
Santa Catarina	7,7	7,7	8,2	8,4	8,4
Minas Gerais	5,8	6,0	6,2	6,3	6,6
Demais estados.....	18,2	19,3	19,4	19,7	19,2

d) grandes empresas					
	(%)				
DISCRIMINAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006
Total do Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	42,8	42,2	39,1	39,1	39,3
Rio Grande do Sul	11,6	11,6	12,1	11,4	11,2
Paraná	8,6	8,8	9,3	9,0	8,6
Minas Gerais.....	7,6	7,2	7,6	8,2	8,2
Santa Catarina	6,6	6,7	6,5	7,2	7,2
Demais estados.....	22,8	23,5	25,4	25,1	25,5

FONTE: MDIC/SECEX/DEPLA.

Empresas exportadoras por classes de produto, principais produtos exportados e destino

Pesquisa do Sebrae (2007) utilizando a classificação Sebrae-Funcex (ver **Nota metodológica** no **Apêndice**) constatou que há uma forte concentração de produtos manufaturados nas pautas de exportação das MPes gaúchas. À medida que aumenta o tamanho das empresas, as exportações, quando analisadas pelas classes de produto, ficam mais distribuídas entre básicos e manufaturados, conforme pode ser observado na Tabela 5. Tal fato explica-se pelo número de grandes empresas exportadoras de produtos básicos, muitas delas, inclusive, multinacionais ligadas ao mercado de *commodities*, com destaque para fumo e soja.

O aumento da participação dos manufaturados em quase todas as categorias (à exceção das micro e pequenas empresas especiais), no ano de 2005, pode ser explicado pela frustração da safra agrícola gaúcha à época, resultado de uma forte estiagem que se abateu sobre o Estado. Ademais, a maior representatividade dos produtos básicos e dos semimanufaturados entre as grandes empresas, em 2006, pode ser atribuída às boas condições do mercado internacional *de commodities*. No Quadro 1, são discriminados os principais produtos exportados pelo RS em 2006, ordenados por valor; e, no Quadro 2, constam os principais mercados de destino das exportações gaúchas . Cabe destacar-se que os calçados são exportados por empresas de todos os portes, e os móveis só não fazem parte da lista de principais produtos nas de grande porte, onde preponderam as vendas de *commodities*. As MPes gaúchas dirigem suas mercadorias especialmente para o Mercosul, principal mercado para seus produtos manufaturados. Já as micro e pequenas

empresas especiais, com volume de exportação individual maior que US\$ 1,2 milhão, têm seu principal mercado nos Estados Unidos e no Canadá, que importam a maior parte de seus produtos manufaturados,o mesmo ocorren-do com as empresas exportadoras de porte médio. As

grandes empresas, que são de produtos manufaturados e também de produtos básicos, vendem principalmente para a União Européia, sendo a região da Ásia-Pacífico seu segundo mercado comprador, onde predominam as vendas de *commodities*.

Tabela 5
Participação percentual do valor das exportações, por classes de produtos em cada porte de empresa, no RS — 2002-06

PORTE DAS EMPRESAS E CLASSE DE PRODUTOS	2002	2003	2004	2005	2006
Microempresas	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Básicos.....	9,4	7,6	8,0	8,0	8,9
Semimanufaturados.....	8,2	8,2	8,0	5,0	5,4
Manufaturados.....	81,9	82,9	82,0	87,0	84,2
Demais produtos.....	0,5	1,3	2,0	0,0	1,5
Pequenas empresas	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Básicos.....	14,5	12,9	11,9	9,5	13,8
Semimanufaturados.....	8,9	8,8	7,4	8,1	6,8
Manufaturados.....	76,4	78,0	80,4	81,8	78,7
Demais produtos.....	0,2	0,3	0,3	0,6	0,7
Micros e pequenas empresas especiais	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Básicos.....	21,8	22,9	20,0	26,8	15,7
Semimanufaturados.....	26,1	21,1	14,5	10,9	15,9
Manufaturados.....	52,1	56,0	65,5	62,3	68,3
Demais produtos.....	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Médias empresas	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Básicos.....	18,2	18,6	21,2	12,6	13,1
Semimanufaturados.....	17,0	19,5	17,1	18,9	20,0
Manufaturados.....	64,8	61,9	61,6	68,5	66,9
Demais produtos.....	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
Grandes empresas	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Básicos.....	39,2	43,4	41,4	36,4	40,8
Semimanufaturados.....	9,8	8,5	8,2	7,2	7,8
Manufaturados.....	49,4	46,5	49,0	54,7	49,0
Demais produtos.....	1,6	1,6	1,4	1,7	2,4

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Sebrae.

Quadro 1

Principais produtos exportados, por porte das empresa, pelo RS — 2006

PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS
Microempresas	Calçados, suas partes e componentes; móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos; couros e peles, depilados, exceto em bruto; máquinas e aparelhos para uso agrícola (exceto trator); pedras preciosas ou semipreciosas trabalhadas.
Pequenas empresas	Móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos; calçados, suas partes e componentes; couros e peles, depilados, exceto em bruto; pedras preciosas ou semipreciosas trabalhadas; fumo em folhas e desperdícios.
Micro e pequenas empresas especiais	Calçados, suas partes e componentes; móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos; couros e peles, depilados, exceto em bruto; madeira em estilhas ou em partículas; arroz em grãos, inclusive arroz quebrado.
Médias empresas	Polímeros de etileno, propileno e estireno; calçados, suas partes e componentes; couros e peles, depilados, exceto em bruto; fumo em folhas e desperdícios; móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos.
Grandes empresas	Fumo em folhas e desperdícios; calçados, suas partes e componentes; soja mesmo triturada; carne de frango congelada, fresca ou refrigerada, inclusive miúdos; carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada.

FONTE: SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **As micro e pequenas empresas na exportação brasileira** — Brasil e Estados 1998-2006. Brasília, 2007. 580p.

Quadro 2

Principais mercados de destino das exportações, por porte de empresa, do RS — 2006

PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAIS MERCADOS DE DESTINO
Microempresas	Mercosul (37,9%); União Européia (18,2%); ALADI, exclusive Mercosul (16,3%); Estados Unidos e Canadá (10,81%); Ásia-Pacífico (5,4%).
Pequenas empresas	Mercosul (25,5%); União Européia (18,2%); ALADI, exclusive Mercosul (17,6%); Estados Unidos e Canadá (14,7%); Ásia-Pacífico (7,1%).
Micro e pequenas empresas especiais	Estados Unidos e Canadá (23,6%); União Européia (22,2%); Ásia-Pacífico (13,3%); ALADI, exclusive Mercosul (11,9%); Mercosul (8,6%).
Médias empresas	Estados Unidos e Canadá (23,3%); União Européia (17,2%); Mercosul (16,7%); ALADI, exclusive Mercosul (14,5%); Ásia-Pacífico (14,1%).
Grandes empresas	União Européia (18,8%); Ásia-Pacífico (15,3%); Mercosul (13,6%); Estados Unidos e Canadá (13,5%); ALADI, exclusive Mercosul (10,6%).

FONTE: SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **As micro e pequenas empresas na exportação brasileira** — Brasil e Estados 1998-2006. Brasília, 2007. 580p.

Considerações finais

As MPEs gaúchas apresentam-se mais sensíveis à valorização do real, já que exportam, prioritariamente, produtos manufaturados intensivos em mão-de-obra e em matérias-primas nacionais, pouco dinâmicos no mercado, com baixa e média tecnologias, sendo, por tudo isso, mais vulneráveis à concorrência internacional. Assim, a partir de 2006, o número total de exportadoras apresentou redução, o que também aconteceu no Brasil. Só as grandes empresas ainda registram aumento no número de unidades exportadoras. Em relação aos demais estados brasileiros, o RS é o segundo em número de empresas exportadoras de todos os portes, sendo que as MPEs gaúchas foram as que mais perderam representatividade no último ano em análise.

No que se refere ao valor exportado, observou-se que, em 2005 e 2006, a participação das PMEs gaúchas no total exportado pelo Estado diminuiu, enquanto aumentou a participação das grandes empresas, o que também ocorreu em nível nacional. A causa maior desse acréscimo de representatividade das grandes empresas estaria no mercado mundial mais favorável para estas, com forte participação de produtos com demanda e preços em alta, como ocorre com as diferentes *commodities* por elas exportadas, tanto em nível estadual quanto no federal. Entretanto, ao contrário do que ocorreu com as grandes e médias empresas do RS, cujo valor médio das exportações encolheu em relação às suas similares nacionais, as microempresas gaúchas conseguiram uma receita média unitária maior do que seus pares nacionais, enquanto as pequenas empresas do Estado tiveram uma taxa de crescimento no valor médio exportado maior do que suas similares brasileiras, embora o valor médio ainda esteja abaixo do nacional

Ainda que os produtos manufaturados predominem em todas as categorias de empresas, de acordo com o porte, as micro e pequenas empresas apresentam uma grande participação desse tipo de produto e, pelo tipo de manufaturado que exportam (intensivo em mão-de-obra, com poucas matérias-primas importadas), têm sofrido mais os efeitos cambiais. Já as grandes empresas, com um percentual bem mais alto de participação dos produtos básicos e com mais condições estruturais para enfrentar a concorrência externa, vêm conseguindo superar melhor as dificuldades encontradas pelo setor exportador gaúcho na atualidade.

Apêndice

Nota metodológica

De acordo com o Sebrae e com a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), a classificação das empresas exportadoras é feita pelo cruzamento dos dados referentes às empresas que exportaram a cada ano, identificadas a partir de informações da Secretaria de Comércio Exterior do MDIC, com os da **Relação Anual de Informações Sociais** (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (SEBRAE, 2007). Além disso, os valores-limite das exportações para as micro, pequenas e médias empresas são corrigidos anualmente pela variação do índice de preço das exportações brasileiras, calculado pela Funcex. Pelo critério Sebrae/Funcex (Sebrae, 2007), as empresas, de acordo com o seu porte, estariam assim classificadas:

- **microempresas** - aquelas que possuem menos de 20 empregados (menos de 10 no caso das firmas de comércio e serviços) e que exportam até US\$ 120 mil/ano;
- **pequenas empresas** - aquelas com menos de 100 empregados (menos de 50 no caso das firmas de comércio e serviços) e exportações anuais de até US\$ 1,2 milhão (excluídas, naturalmente, aquelas já classificadas como microempresas);
- **micro e pequenas empresas especiais** - as que possuem menos de 100 empregados (menos de 50 no caso das firmas de comércio e serviços) e exportações anuais superiores a US\$ 1,2 milhão;
- **médias empresas** - as que possuem entre 100 e 499 empregados (entre 50 e 99 para comércio e serviços);
- **grandes empresas** - as que possuem 500 ou mais empregados (mais de 100 para comércio e serviços).

Entretanto os dados disponibilizados pelo Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (Brasil, 2008a; 2008b; 2008c; 2008d), do qual foram extraídas muitas das estatísticas utilizadas neste artigo, não apresentam as **micro e pequenas empresas especiais** e incluem **pessoas físicas** que exportam, sendo sua classificação adotada também pelo Mercosul e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Para o MDIC/Secex (Brasil, 2004), as empresas foram

classificadas em indústria, comércio e serviços. Cabe destacar-se que os relatórios por unidade da Federação se referem ao domicílio fiscal do estabelecimento, seja ele matriz ou filial, e que a identificação das empresas exportadoras tem como base o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) por estabelecimento. Pelo critério do MDIC (Brasil, 2004), as empresas estariam assim distribuídas:

- **microempresa** - indústria com até 10 empregados e valor exportado de até US\$ 400 mil/ano; e comércio e serviços com até cinco empregados e valor exportado de até US\$ 200 mil/ano;
- **pequena empresa** - indústria com 11 a 40 empregados e valor exportado de até US\$ 3,5 milhões/ano; e comércio e serviços com seis a 30 empregados e valor exportado de até US\$ 1,5 milhão/ano;
- **média empresa** - indústria com 41 a 200 empregados e valor exportado de até US\$ 20 milhões/ano; e comércio e serviços com 31 a 80 empregados e valor exportado de até US\$ 7 milhões/ano;
- **grande empresa** - indústria com número de empregados acima de 200 e valor exportado superior a US\$ 20 milhões; e comércio e serviços com mais de 80 empregados e valor exportado superior a US\$ 7 milhões.

Em relação às médias e às grandes empresas, enquanto as análises do Sebrae adotam o número de empregados para classificar o porte das empresas, o MDIC/Secex associa duas variáveis: o número de empregados da empresa e o valor exportado pela mesma.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Exportação brasileira por porte de empresa, distribuição por município, 2006-2005**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/>>. Acesso em: 12 mar. 2008a.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Exportação brasileira por porte de empresa, distribuição por município, 2005-2004**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/>>. Acesso em: 12 mar. 2008b.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Exportação brasileira por porte de empresa, distribuição por município, 2004-2003**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/>>. Acesso em: 12 mar. 2008c.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Exportação brasileira por porte de empresa, distribuição por município, 2003-2002**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/>>. Acesso em: 12 mar. 2008d.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior — SECEX. **Metodologia aplicada para a elaboração da publicação Exportação Brasileira por Porte de Empresa**. Disponível em: <http://www2.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sedex/>. Acesso em: 13 mar. 2008.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA — CNI. **Indicadores de competitividade na indústria brasileira: micro e pequenas empresas**. Brasília: CNI; SEBRAE, 2006. 134p.

MARKWALD, Ricardo; PESSOA, Elisa. Micro e pequenas empresas exportadoras: um retrato do período 1997-2002. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n. 76, p. 68-73, jul./set. 2003.

MARKWALD, Ricardo; RIBEIRO, Fernando. Análise das exportações brasileiras sob a ótica das empresas, dos produtos e dos mercados. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**. Rio de Janeiro, n. 85, p. 3-20, out./dez. 2005.

RUIZ, Fernando Martinson; HOURNEAUX JUNIOR, Flávio. **Exportações brasileiras e micro e pequenas empresas (MPE)**, 2006. 16p. (mimeo). Disponível em: <<http://ginebra.incubadora.fapesp.br/portal/referencias/>>. Acesso em: 18 mar. 2008.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **As micro e pequenas empresas na exportação brasileira** — Brasil e Estados 1998-2004. São Paulo, 2005. 130p.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **As micro e pequenas empresas na exportação brasileira** — Brasil e Estados 1998-2006. Brasília, 2007. 580p.